

**Os marcadores dêiticos e a produção de sentido na linguagem desviante**

**Deictic markers and production of meaning in language deviant**

**Isabela Barbosa do Rêgo BARROS\***

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO (UNICAP/BRASIL)

**RESUMO**

As produções linguageiras encontradas no autismo são marcadas pela aparente desconstrução de sentidos, porém conseguem seu entendimento quando nos remetemos ao contexto único e irrepitível da enunciação, identificando os sujeitos envolvidos no ato enunciativo e os referentes na prática social. Entendemos os dêiticos como marcadores de singularidade da linguagem e elementos necessários para a construção de sentido, ao possibilitar a interação social e a constituição do sujeito autista. Apoiados na teoria da enunciação de Émile Benveniste, fomentamos discussões baseadas em dois casos clínicos fonoaudiológicos e atestamos que a partir da identificação dêitica há produção de sentido na linguagem desviante.

\*Sobre a autora ver página 192.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Autismo. Dêixis. Sentido.

**ABSTRACT**

*Yields language studies found in autism are marked by apparent deconstruction of meaning, but can your understanding when we refer to the context of enunciation unique and unrepeatable, identifying the subjects involved in the act of enunciation and the referents in social practice. We understand the uniqueness of deictic markers of language and elements necessary for the construction of meaning by enabling social interaction and subject constitution autistic. Supported the theory of enunciation of Émile Benveniste, foster discussions based on two clinical cases and testify that speech therapy from the identification deictic's production of meaning in language deviant.*

**KEYWORDS:** *Language. Autism. Deixis. Meaning.*

## 1 Introdução

As primeiras publicações sobre o autismo são datadas de 1943, após as pesquisas do psiquiatra austríaco Leo Kanner sobre o comportamento de onze crianças com idades entre dois e onze anos, atendidas no *Johns Hopkins Hospital*, Estados Unidos. Em comum, todas as crianças apresentavam alterações na linguagem e na interação social.

Desde então, os estudos sobre esse transtorno do desenvolvimento são envoltos por discursos que destacam o aspecto crônico e os impactos em várias áreas do desenvolvimento: desde o estabelecimento da subjetividade e das relações pessoais, passando pela linguagem e comunicação, até o aprendizado e as capacidades adaptativas.

Juntamente com as alterações no comportamento social e no uso da imaginação, a linguagem é considerada fundamental para compor o diagnóstico clínico no autismo. De maneira geral, ela é caracterizada por mutismo, neologismo, ecolalia<sup>1</sup> imediata e tardia, inversão pronominal (substituição da primeira pessoa do singular pela segunda ou terceira pessoa também do singular), rigidez de significados (dificuldade em

<sup>1</sup> Repetição na íntegra de trechos ou da totalidade do discurso de outro indivíduo efetuada pelo autista, sem uma aparente relação com o contexto. Quando a ecolalia sofre alguma alteração como a retirada ou o acréscimo de elementos novos à produção original, ela é reconhecida como ecolalia mitigada.

associar um significante a vários significados) e dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal.

Percebemos nesta caracterização a tradição do meio científico em destacar os aspectos formais da linguagem, justificando a posição assumida por grande parte das ciências em colocar a pessoa autista ausente da possibilidade de linguagem, uma vez que duas das principais características sintomatológicas presentes no autismo - a dificuldade na comunicação e na interação - são requisitos para a definição de linguagem dentro de uma concepção linguística pautada na relação linguagem e comunicação.

A clínica fonoaudiológica, espaço no qual a linguagem é percebida sob o aspecto do que tem de mais singular: os desvios cometidos por um falante ou ouvinte não ideal, não foge àquela regra. Nesta clínica, segundo Palladino (2004), a função representativa e comunicativa da linguagem está mais difundida entre os profissionais, apesar de uma parcela perceber o papel constitutivo da linguagem e compreendê-la como a manifestação máxima da subjetividade, essência constitutiva da posição de sujeito.

Esclarecemos que nos situamos nesse último lócus e entendemos o autista não como ser meramente falante, mas como sujeito mergulhado na linguagem, fruto das concepções oriundas dos estudos de Émile Benveniste ([1958] 2005), que concebe a linguagem como lugar de constituição do sujeito. Desse modo, desconsideramos os aspectos que reduzem a linguagem enquanto instrumento de comunicação e destacamos a produção de sentido na linguagem.

## **2 Dêixis e construção de sentido**

De acordo com Elia (2007), os sentidos na linguagem são produzidos na ordem simbólica, seja ela falada ou não, incluindo nessa categoria os gestos, os desenhos, a dança, as expressões faciais e as narrativas orais. Essas manifestações simbólicas são “regidas pelo significante, e assim, ditas verbais, por estarem na dependência do verbo significante, e não por serem expressas via oral” (ELIA, p. 21).

É no aspecto de uma linguagem que revela algo do sujeito, e não apenas um sinal de uma desorganização, que percebemos a linguagem no autismo e defendemos uma maneira particular de relação entre o autista e a linguagem, a partir da compreensão dos dêiticos enquanto índice gerador de sentido na linguagem desviante e marcadores de inscrição do autista na linguagem.

Flores (2009) esclarece que para Benveniste os dêiticos representam signos vazios, ou seja, signos cuja referência está na situação única e irrepetível da enunciação e que se tornam plenos assim que um locutor os assume na instância do seu discurso. Representam um espaço singular ocupado por um “eu” na linguagem.

É assim que, na linguagem, os pronomes pessoais “eu” e “tu” são percebidos: “uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.” (BENVENISTE, [1956] 2005, p. 277)

Benveniste ([1956] 2005) menciona uma série de indicadores composta por pronomes (eu, tu, este, esse), advérbios e locuções adverbiais (aqui, agora, hoje, ontem, amanhã, em três dias, etc) que, ao estabelecerem uma relação com o sujeito que fala na instância do discurso, são reconhecidos por dêixis. Conforme Flores et al (2008),

A dêixis, na vertente enunciativa, é um fenômeno geral que não pode ser adequadamente descrito sem que os signos sejam referidos ao emprego que o sujeito deles faz. De outra forma, para Benveniste os dêiticos não apenas descrevem uma relação entre enunciado e enunciação, mas são elementos que permitem ao sujeito que enuncia, num dado momento, instaurar a relação do enunciado a si próprio (FLORES et al., 2008, p. 165).

Dessa forma, o que outrora na linguagem do autista era percebido como vazio de sentido por representar neologismos, sons aleatórios ou repetição do discurso de outrem, tomamos como aspectos enunciativos de um sujeito que age sobre a língua e atua na linguagem, conforme o exemplo a seguir:

	Criança autista 1 <sup>2</sup>	Fonoaudióloga	Cena
1)	i tia		Criança aponta para uma peça de um jogo que caiu no chão.
2)		vá pegar aquele	
3)	aêêêÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔÔ		A criança continua apontando para a peça do jogo, enquanto aumenta a entoação da vocalização robotizada.
4)		tô vendo vá pegar aquele	
5)			A criança assovia, levanta-se, pega a peça do jogo e entrega para a fonoaudióloga.

As vocalizações “i” (linha 1) e “aêêêÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔÔ” (linha 3), isoladamente, poderiam configurar-se como estereotípias de linguagem características do autismo. No entanto, assumimo-las como marcadores dêiticos na linguagem da criança autista ao alocarem o advérbio e a locução adverbial, “ali” e “ali olha” (aê ô = aí ó), respectivamente, na cena enunciativa e inscrevem o sujeito na linguagem, posto que há no discurso um “eu” que se dirige a um “tu” interlocutor da criança autista, que se põe em uma posição espacial no mundo tendo como referente um objeto próximo.

Nesse sentido, a criança é identificada e se identifica como “eu” no discurso, expressa sua subjetividade e se propõe alternadamente como sujeito em oposição ao “tu” (BENVENISTE, [1958] 2005). Assumir essa premissa diante do discurso de um sujeito com diagnóstico de autismo permite que reconhecamos suas marcas e seu processo enunciativo.

<sup>2</sup> A criança autista 1 iniciou tratamento fonoaudiológico aos seis anos de idade, no ano de 2004. Possui comportamento hiperativo, mas não é agressiva, tem olhar vago e fugaz, movimentos de mão (*flapping*), balanceio de corpo (*rocking*), gritos, ecolalia, fixação por pedaços de plástico ou papel e atividades de empilhar. As primeiras palavras repetidas surgiram quando a criança tinha cinco anos, antes sua linguagem se caracterizava por choro e balbúcio aleatório iniciado aos quatro anos de idade. No início da intervenção fonoaudiológica, a fala se caracterizava pela presença de sons incompreensíveis, alguns neologismos e por duas ecolalias que se destacavam: “quero água” e “cadê vovô?”.

De acordo com Benveniste ([1956] 2005) os pronomes pessoais são os primeiros índices para a revelação da subjetividade na linguagem. Entretanto, não há necessidade da presença real e do lugar objetivo no espaço ou no tempo dos pronomes, para que ocorram os movimentos intersubjetivos. Contudo, é preciso que os locutores se apresentem como “eu” ou como “tu” no discurso.

A referência à categoria dos pronomes no autismo já é bem discutida em termos da inversão pronominal: uso do tu ou ele em substituição ao eu. “Esta manifestação pode ser considerada sinal da falha no reconhecimento da relatividade do uso de pronome, assim como o sujeito autista é inábil em outras situações de alternância e relativismo como: aqui/lá; ir/vir; dar/receber” (PERISSINOTTO, 2003, p. 42).

Todavia, percebemos as marcas pronominais “eu” e “tu” na linguagem do autista como índice de identificação e constituição do sujeito, e, por conseguinte, um posicionamento particular diante da linguagem, e não mais como um simples erro no uso dos pronomes.

[...] Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc.” (BENVENISTE, [1958] 2005, p. 288).

	Criança autista	Fonoaudióloga	Cena
1)		O que é que estás fazendo, Estênio?	A criança recolhe os livros de uma coleção infantil, ajeita-os nas mãos e bate sobre a mesa que tem a sua frente repetidas vezes.
2)	êês iiiiii.		Vocalização enquanto permanece na atividade.
3)		O que é que estás fazendo?	
4)	eio. A-í, o-í.		Vocalização robotizada.

5)		Olha! No livro! Olha!	A fonoaudióloga aponta uma figura do livro.
6)	Abegui du livu.		
7)		É, estou veendo. A menina do livro?	
8)	espia pa-pau (incompreensível) a du a du veeeendu.		Estênio bate os livros na mesa.

Observemos que na linha 4 acima, a vocalização da criança, novamente, é suposta como enunciação de um “eu”: a-í, o-í = Aí. Olhe (você)!, trazendo os dêiticos adverbial (aí) e ponominal (você oculto na frase) um sentido para a produção desviante, impulsionando, assim, a construção de uma relação dialógica.

O que antes seria uma experiência vocal, na verdade, encontra sentido no uso individual da língua por um sujeito autista que se enuncia na linguagem. Nessa relação singular com a língua, presenciamos outras posturas e combinações linguísticas específicas que, apesar de manter o padrão ecolálico, sugerem a enunciação do sujeito na linguagem



Percebemos no trecho acima a presença do comportamento ecolálico caracterizado pela repetição de sintagmas isolados (livro, a, do, vendo) e de dêiticos pronominais ocultos que sugerem a posição de sujeito ainda colado ao discurso do outro ocupada pela criança. Há

uma realização vocal e conversão individual da língua em um discurso, que definem a enunciação em Benveniste ([1970] 2006), porém de uma maneira especialmente única: presa ao discurso de outrem.

Os marcadores dêiticos possibilitam que o interlocutor da criança autista encontre sentido nas produções singulares do sujeito, desvinculando-as do estigma de produções aleatórias e índice de isolamento social.

Entretanto, em uma relação dialógica, o hábito de nos deter em palavras-chaves para entender o todo nos torna insensível às produções originais do autista, de maneira que, em alguns momentos, os dêiticos não são percebidos e o sentido da linguagem escapa no discurso, conforme ocorre com o índice de tempo “hoje” presente na linha 1 a seguir:

	Criança autista 1	Fonoaudióloga	Cena
1)	<b>Hoje.</b> (o bem ju). Cadê teu pai?		Estênio está sentado, mas balanceia o corpo em movimento giratório.
2)		Cadê o seu pai? O meu está em casa e o seu? Cadê seu pai, hein, Estênio?	
3)	iiiiiiIIIIII.		
4)		O meu está em casa. O meu pai está em casa. E seu pai está onde? Hein? O seu pai está onde?	Estênio esconde seu rosto entre os braços.
		Cadê Estênio? Cadê Estênio?	A criança tira o braço do rosto.
		Achou!	

A fonoaudióloga procura um sentido para a questão “cadê teu pai”, mas não escuta o dêitico “hoje” marcando uma possível enunciação. O neologismo “o bem ju” seria continuação de um início dialógico: hoje,



“o beijo...? Não saberemos. Naturalmente, a escuta profissional voltou-se para outros aspectos da linguagem infantil. E sendo o contexto espaço-tempo da enunciação único e irrepetível, as possíveis escutas se perdem.

Ao assumirmos a posição de interlocutor de um sujeito autista, é fundamental considerarmos o tempo linguístico das emissões estereotipadas, o presente, aquele unido a pessoa que enuncia (BENVENISTE, [1965] 2006), para que observemos a relação que se estabelece entre o sujeito e a linguagem. A fala estereotipada é a forma encontrada pelo autista para se estabelecer no presente e participar do patrimônio humano da linguagem.

Os dêiticos parecem pontilhar sentidos no universo da linguagem quando surgem no aqui e agora como centelhas mergulhadas em meio a uma linguagem desviante, convocando o interlocutor para participar de uma situação dialógica. Conforme observamos na linha 10 do quadro a seguir:

	Criança autista 2 <sup>3</sup>	Fonoaudióloga	Merendeira	Cena
1)				A criança está no refeitório da instituição em que é assistida, sentada à mesa e diante de si tem dois copos plásticos de encaixe. A criança joga os copos no chão.
2)		Ah! Vou pegar não.		
3)	Uêê ãã			A criança olha para a fonoaudióloga e estica o braço direito em direção ao copo que está no chão.
4)		Eu vou pegar não. Você vá pegar. <b>Você.</b>		

(continua)

<sup>3</sup> A criança autista 2, sexo masculino, treze anos de idade, iniciou tratamento fonoaudiológico na instituição em que os dados foram coletados em 2005. Frequentou algumas instituições anteriormente, porém sua assiduidade sempre fora irregular. É dispersa, agressiva, seu olhar é fugidivo, apresenta poucas vocalizações e palavras soltas, sobretudo, “mamã?”. Na maior parte do tempo permanece calado, mexendo nos objetos e derrubando-os. Esse comportamento lhe é peculiar.

5)	Uêê			A criança bate na mesa e olha para o copo no chão. Não olha para a fonoaudióloga.
6)		Vá você.		
7)	U			
8)		Você que jogou. Vá “simbora”.		A criança tamborila os dedos na mesa.
9)		Eu não vou não. Eu não vou não. Vá você.		A criança deita a cabeça sobre a mesa e não pega o copo. Permanece assim por alguns instantes até que começa a empurrar o banco ao lado de onde está sentada. Interrompendo sua atividade ao perceber a aproximação da merendeira que entra no refeitório.
10)	Tu <sup>21</sup>			Volta-se para a merendeira.
11)		Qual o nome dela? Perguntando o nome dela é?		
12)		Qual o nome dela? Pergunta o nome dela. Tu?		A terapeuta convoca a merendeira para o diálogo.
13)			Nan-ci.	
14)	A-i			
15)			Nan-ci	
16)		Pronto. É Nanci, João.		

(concluso)

Anteriormente, nas linhas 5 e 7 surgem sons (uêê = você; u = tu) que assumem o sentido de dêiticos pronominais, igualmente ao pronome presente na linha 10 (tu<sup>21</sup>), convocando a fonoaudióloga para uma tentativa de construção dialógica, mesmo que essa situação ainda apresente falhas.

### 3 Conclusão

Flores (2006) lembra que quando se trabalha sob a ótica da enunciação é imprescindível tomar uma postura diante do sujeito que enuncia, visto nesse estudo como o sujeito autista percebido através de marcadores dêiticos precisos dentro do sistema linguístico.

Não desconsideramos a dificuldade na linguagem inerente ao autismo. Entretanto, acreditamos que os marcadores dêiticos permitem aos locutores compartilhar uma situação dialógica, propiciando a saída do sujeito autista de uma posição de isolamento na linguagem, no momento em que é possível ao interlocutor nortear as produções desviantes.

Dessa maneira, compreendemos a possibilidade da interação social e realização do autista enquanto sujeito por meio do entendimento da dêixis enquanto marca da singularidade da linguagem do autista, sendo fundamental a presença do olhar do interlocutor livre de estigmas endereçado à linguagem e ao sujeito autista em constituição.

### REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5 ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 80p.

FLORES, V. N. Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação. **Organon**. Linguagem e Sintoma. Porto Alegre, v.20, n.40/41, p. 61-75, 2006. Semestral.

FLORES, V. N. et al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V. N. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. **Desenvolvimento da linguagem**. In: FERREIRA, Leslie P. e col. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Rocca, 2004. 1076p.

PERISSINOTO, Jacy. **Conhecimentos essenciais para atender bem as crianças com autismo**. São José dos Campos: Pulso, 2003.

*Recebido em novembro de 2012.*

*Aprovado em dezembro de 2012.*

## **SOBRE A AUTORA**

**ISABELA BARBOSA DO RÊGO BARROS** é doutora em Letras pela UFPB e professora assistente II do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem e do curso de graduação em Letras da Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE, onde desenvolve o projeto de pesquisa “Linguagem e Autismo: pressupostos teóricos a luz da enunciação benvenistiana”, coordena Projeto de Extensão “Autismo e outros Transtornos Invasivos do Desenvolvimento” e orienta alunos do mestrado.  
E-mail : ibelabarros@gmail.com